

PERSPECTIVAS DE VIDA NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO AUSCHWITZ

Carolina Rodrigues da Silva¹
Andrea Gonçalves²

RESUMO: O artigo tem por objetivo analisar a narrativa de testemunho Primo Levi em “*É isto um homem?*” em ênfase sobre a perspectiva de vida no campo, os privilégios que alguns prisioneiros conseguiam, os regulamentos e as estratégias de sobrevivência. Analisaremos também a relação entre memória do testemunho Primo Levi e história, para isto utilizaremos considerações de Jeanne Marie Gagnebin, Giorgio Agamben, Hannah Arendt, Joselaine Brondani Medeiros e Primo Levi. Dentre os resultados a narrativa de testemunho, e inclusive “*É isto um homem?*” e a historiografia são importantes para a conservação do passado e manter viva a memória daqueles que estiveram nos campos de concentração. Sendo dignos de memórias aqueles que não sobreviveram e morreram sem identificação nos campos e também aqueles que sobreviveram e testemunharam o ocorrido.

Palavras-chave: narrativa, testemunho, memória, campo, concentração

ABSTRACT: The article aims to analyze the Primo Levi witness narrative "Is this a man?" In emphasis on life expectancy in the country, the privileges that some prisoners could, regulations and survival strategies. Also analyze the relationship between memory and history testimony Primo Levi, for this we use considerations of Jeanne Marie Gagnebin, Giorgio Agamben, Hannah Arendt, Joselaine Brondani Medeiros and Primo Levi. Among the results the witness 's account, including "Is this a man?" And historiography are important for the conservation of the past and keep alive the memory of those who were in concentration camps. It is worthy memories of those who did not survive and died without identifying the fields and also those who survived and witnessed what happened.

Keywords: narrative, testimony, memory, camp, concentration

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO: Narrativa de testemunho em “É isto um homem?”

A obra “*É isto um homem?*”, foi publicado pela primeira vez em 1947 em uma pequena editora de acordo com Teresa de Sousa, portanto o livro neste ano não teve muita repercussão como descreve Joselaine Brondani Medeiros:

Parece que houve, por parte da sociedade em geral e, sobretudo, dos Governos, uma vontade de negar a ocorrência da catástrofe. Isso mostra que a construção da memória do passado e do conhecimento histórico está intrinsecamente ligada aos interesses ideológicos e às lutas políticas que pertencem ao presente. A construção da memória coletiva deveria manter um elo com a envergadura ética, que se inscreve numa luta política e histórica precisa. (MEDEIROS, Joselaine Brondani. Meio eletrônico, 2007).

¹ Especialista em "Cultura, identidade e região", na Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina. Email: carolinarrsd@gmail.com

² Dr^a em Educação pela Universidade de Valencia - Espanha. Email: andreag.psicologia@gmail.com

Diante das palavras de Joselaine Brondani percebemos que a memória do passado e o conhecimento histórico estão interligados aos interesses ideológicos e as lutas políticas e após Segunda Guerra tanto o governo como algumas pessoas da sociedade estavam de certa maneira negando os fatos ou não queriam comentar sobre o que o ser humano foi um dia capaz de fazer contra seus semelhantes, porém a construção da memória deveria manter um elo com a ética para a conservação do passado. E apesar de muitos negarem os acontecimentos ou silenciarem alguns como o próprio Primo Levi viu a necessidade de testemunhar o ocorrido, suas memórias dentro do campo, o dia-dia, o sofrimento, os privilégios que alguns recebiam, a dor, a vida cinzenta dentro do campo, com o intuito de “libertação interior” como ele mesmo descreve em *É isto um homem?* sendo escrito não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência e o trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.

O nome original é “*Se questo è un uomo?*”, foi republicado em 1958 pela editora Einaudi e a partir daí o livro ficou conhecido como um clássico até os dias atuais. Primo Levi (1919-1987) foi um químico e escritor italiano, escreveu contos, poemas, memórias e ficção científica mais conhecido por suas obras em que narra sua história sobre a vida dentro dos campos de concentração, pois foi um prisioneiro, que apesar de diversas dificuldades encontrada no campo de concentração conseguiu alguns privilégios e conseguiu sobreviver por ter sido deportado somente em 1944 e em 1945 sendo salvo pelos russos que o encontraram quase sem forças para sobreviver. A autobiografia de Primo Levi no campo de concentração, como demonstra no prefácio tem por objetivo “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana”. (LEVI, 1988, p. 7), onde a história dos campos de extermínio “deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo” (LEVI, 1988, p. 7), sendo assim neste artigo buscamos dar sentido a necessidade de rememoração do passado, onde a sociedade precisa rever e manter viva a memória do passado que muitos um dia tentaram esconder e outros que até hoje negam a existência dos campos de extermínio. Através da narrativa de testemunho de Primo Levi em “*É isto um homem?*”, descrevemos alguns momentos de sua vida dentro do campo como as normas dentro do campo, os privilégios e alguns meios de sobrevivência que encontravam.

PRIVILÉGIOS CONSEGUIDOS DENTRO DO CAMPO COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA

Um italiano médico e dentista criminoso no campo de concentração conta aos judeus que estavam com o Primo Levi algumas coisas sobre o campo, uma delas é o modo como alguns conseguem funções melhores dentro do campo.

Conta que todos os domingos há concertos e jogos de futebol. Diz que quem é bom boxeador tem chances de ganhar uma vaga de cozinheiro. Que quem trabalha bem recebe bônus-prêmios com os quais pode comprar tabaco e sabão. (LEVI, 1988, p. 24)

Primo Levi no início de sua narrativa de testemunho “*É isto um homem?*”, não consegue definir, não encontra palavras para expressar a ofensa que sofreu no campo de concentração, e afirma que “*Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem*” (LEVI, 1988, p. 24). Sabendo que Primo Levi escreveu o livro depois que já havia sido resgatado pelos soviéticos e que escreveu depois que retomou sua vida, e decidiu relatar sobre o cotidiano e o dia-dia no campo, “seus capítulos foram escritos não em forma lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente” (LEVI, 1988, p. 8). Relata que no momento em que estava preso do campo de concentração não conseguiria expressar em palavras aquele ato de degradação humana, onde colocara-os extremamente ao fundo, em condições desumanas miseráveis, que estaria fora de alcance da imaginação de qualquer pessoa, onde a realidade não era revelada para quem estava preso, pois dentro do campo não sabiam o motivo de estarem presos, não sabiam o que iriam acontecer com eles no dia seguinte, apenas tinham que obedecer ordem sem nenhum tipo de questionamento, pois se questionassem poderiam ser mortos.

Levi descreve que foram reduzidos a puro sofrimento e carência, esquecidos de dignidade e discernimento, pois segundo ele quem perdem tudo, como foi o caso dos que estavam nos campos, muita das vezes perde também a si mesmo. Considera o significado da expressão “*Campo de extermínio*” com duplo sentido, quando expressa “*chegar ao fundo*”. Porém existem muitos historiadores, sociólogos que definem a morte dos judeus e dos que estavam no campo pelos nazistas como “holocausto” que para Agamben é um equívoco enorme e de extrema irresponsabilidade historiográfica, pois como mostra Primo Levi acima, não existia palavras para definir o que houve, no caso teria que ser inventado, pois

nada descreve o ocorrido, praticamente sem explicação mas para Agamben poderia ser expressado como “vida nua” ou “biopolítica”³, que seria o poder absoluto sobre outros corpos, ter o direito da vida e morte sobre a outra pessoa. Assim define Agamben:

Querer restituir ao extermínio dos hebreus Uma aura sacrificial através do termo "holocausto" e uma irresponsável cegueira historiográfica. O hebreu sob o nazismo e o referente negativo privilegiado da nova soberania biopolítica e, como tal, um caso flagrante de *homo sacer*, no sentido de vida matável e sacrificável. O seu assassinato não constitui, portanto, como veremos, nem uma execução capital, nem um sacrifício, mas apenas a realização de uma mera "matabilidade" que é inerente a condição de hebreu como tal. A verdade difícil de ser aceita pelas próprias vítimas, mais que mesmo assim devemos ter a coragem de não cobrir com véus sacrificiais, e que os hebreus não foram exterminados no curso de um louco e gigantesco holocausto, mas literalmente, como Hitler havia anunciado, "como porcos", ou seja, como vida nua. A dimensão na qual o extermínio teve lugar não é nem a religião nem o direito, mas a biopolítica. (AGAMBEN, 2007, p.121)

A partir dos relatos de Primo Levi, percebemos que os nazistas não queriam destruí-los imediatamente, queriam ver o sofrimento de cada um, dia após dia e por causa dessas algumas funções eram melhores que as outras, para que alguns continuassem motivados a continuarem vivos. Os nazistas faziam isso com a justificativa de que os Judeus eram responsáveis pela destruição da Alemanha e por todos os males existentes. Porém segundo Hannah Arendt o racismo e a disputa entre classes e etnias antecede ao século XX, não foi uma invenção de Hitler. Porém foi usada pelos nazistas pois refletia a opinião pública de todos os países e como modo de persuasão, sendo molde de pensamento:

Se a máquina de guerra política dos nazistas já funcionava muito antes de setembro de 1939, quando os tanques alemães iniciaram a sua marcha destruidora invadindo a Polônia, é porque Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado forte na conquista de simpatizantes do que qualquer agente pago ou organização secreta de quinta-coluna. Fortalecidos pela experiência de quase vinte anos, os nazistas sabiam que o melhor meio de propagar a sua ideia estava na política racial, da qual, a despeito de muitas outras concessões e promessas quebradas, nunca se haviam afastado por amor à conveniência. O racismo não era arma nova nem secreta embora nunca antes houvesse sido usada com tão meticulosa coerência. A verdade histórica de tudo isso é que a ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX. (ARENDR, 2012, p. 233-234)

³ Biopolítica: Há que entender por “biopolítica” a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça. (CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: autentica, 2004, p.59-60)

Sendo assim o racismo que Hitler utilizou não foi por ele inventado, já estava enraizada desde o século XVII, porém utilizou de uma forma mais precisa para a persuasão de milhões de pessoas que o ajudaram a encontrar judeus, homossexuais, ciganos escondidos durante a Segunda Guerra Mundial, assim os campos de concentração para muitos eram forma de proteger a Alemanha dos Judeus que para Hitler era uma raça inferior às demais. Chegou ao ponto dos próprios Judeus acharem que eram errantes e se entregavam para viverem “dentro da lei”. Primo Levi descreve esta passagem:

Havia também uns poucos que se tinham apresentado espontaneamente, devido ao desespero de continuarem vivendo errantes e fugidios, ou por terem ficado sem recurso algum, ou por não quererem separar-se de um parente já detido, ou ainda, absurdamente, para “ficarem dentro da lei.” (LEVI, 1988, p.12)

Em relação a chegada e ao cotidiano no campo, os prisioneiros iriam aprendendo a viver e suportar aquele lugar, iam se adaptando dia após dia. E por mais imundo e desumano não foram deixados largados, existiam normas que deveriam ser cumpridas diariamente e se não fizesse teriam punições, mas também existiam modos de conseguir “*cargos*” melhores de trabalho. Por exemplo, Levi descreve a história de Alfred L, que andava sempre limpo, possuía tamancos de madeira para ir à ducha, banhava de quinze em quinze dias, lavava sua roupa e assim teria conseguido uma aparência de “*proeminente*”. E só conseguiu essa distinção por ter se abdicado de algumas coisas, como abdicar da sopa e pão para conseguir em troca sabão para lavar sua roupa e assim se diferenciando dos demais. E também por trabalhar com afínco ostensivo, evitava brigas diárias. Como dizia Levi, teria conquistado com tenacidade incrível, pagando a compra, cada serviço com o pão da sua ração sujeitando-se a uma dieta ainda mais dura. Sendo capaz de conseguir com uma disciplina interior rígida, sem piedade por si, sabia que ser julgado poderoso pelos prisioneiros era meio caminho andado para se tornar realmente poderoso e quando criaram o *Kommando* Químico, Alfred L, foi promovido a “*especializado*”, nomeado chefe técnico do *Kommando* e recrutado pela direção da fábrica como analista no Laboratório do Setor Estireno. Ou seja, por se destacar entre os outros prisioneiros do campo, sendo mais cuidadoso, limpo, sempre disposto, e por ter dirigido uma grande fábrica de produtos químicos antes de entrar no campo, conseguiu ir para um *Kommando*, onde realmente se identificava por já conhecer tão bem. Outro que conseguiu se destacar entre os outros segundo Primo Levi, foi o Elias Lindzin, 141.565, sendo um trabalhador extraordinário. Descreve-o assim:

Ver Elias trabalhando é um espetáculo inquietante; os mestres poloneses, até os alemães detém-se, às vezes, para apreciá-lo. Parece que, para ele, nada é impossível. Enquanto nós carregamos a muito custo um saco de cimento, Elias leva dois, logo três, quatro, conservando-os em equilíbrio quem sabe como, e, enquanto caminha a passinhos rápidos com suas pernas curtas e fortes, faz caretas debaixo da carga, ri, pragueja, berra e canta sem parar, como se tivesse pulmões de bronze. Elias, apesar das solas de madeira, trepa como macaco pelos andaimes, tijolos de uma vez em equilíbrio na cabeça; de um pedaço de chapa sabe fazer uma colher, de um fragmento de aço, uma faca; acha sempre papel, lenha, carvão bem secos e acende uma fogueira num instante, ainda que debaixo de chuva. Sabe trabalhar de alfaiate, de marceneiro, sapateiro, barbeiro; cospe a distancias incríveis; canta, com razoável voz de baixo, canções polonesas e ídices que nunca ouvimos antes; pode engolir seis, oito, dez litros de sopa sem vomito nem diarreia e recomeçar imediatamente a trabalhar. Sabe ejetar do meio das costas uma grossa giba e caminha todo torto e contrafeito pelo Bloco, gritando e declamando, incompreensivelmente, no meio da alegria dos “proeminentes” do Campo. Já o vi lutar com um polonês, uma cabeça mais alta do que ele, e derrubá-lo de um só golpe de crânio no estomago, possante e preciso como uma catapulta. Nunca o vi descansando, nunca calado ou quieto, nunca soube se machucasse ou adoecesse. (LEVI, 1988, p. 97).

Sendo um rapaz que se destacou diante dos demais prisioneiros a sua fama de trabalhador extraordinário e conforme a lei absurda do Campo, desde então quase parou de trabalhar. Sua ajuda era solicitada diretamente pelos mestres só para as tarefas que exigissem especial perícia e vigor”. (LEVI, 1988, p. 98). Para Levi, Elias Lindzin sobreviveu à destruição externa, porque é fisicamente indestrutível; resistiu à aniquilação interna porque é demente. Ele é, portanto, um sobrevivente: o mais apto, o espécime humano mais adequado a esta maneira de viver. Ou seja, estava adaptado a viver no Campo, ele prospera e triunfa, sabe dar um jeito, assim fica livre das seleções sendo respeitado pelos chefes e os companheiros. Diante disso, percebemos que para conseguir ser respeitado no campo é necessário ser forte, mostrar ser poderoso, muitas das vezes superando os próprios limites.

Primo Levi disserta sobre a prova de química na qual seriam examinados os químicos do campo, para a vaga no novo *Kommando* e para se tornar especialista se caso passar na prova e se o Doutor os escolhessem. Levi foi escolhido pelo Doutor Pannwitz e se orgulha ao ser indicado “*tenho no bolso um tíquete do Serviço do Trabalho, onde está escrito que o Häftling 174.517, na qualidade de operário especializado, tem direito a camisa e ceroulas novas e deve fazer a barba cada quarta-feira*” (LEVI, 1988, p. 141). Sendo assim, um privilegiado pois os ataques já haviam começado algumas fábricas já estavam estraçalhadas e como Primo Levi descreve no Laboratório estava protegido do frio:

No Laboratório, a temperatura é deliciosa: o termômetro marca 24°. Pensamos que bem poderiam mandar-nos lavar os vidros, varrer o chão, transportar os botijões de hidrogênio, qualquer coisa desde que possamos ficar aqui, e o problema do inverno estaria resolvido. E também o problema da fome não deveria ser difícil de resolver. Será que nos vão revistar cada dia na saída? E ainda que seja assim, será que vão nos revistar cada vez que formos ao banheiro? Não, evidentemente. E aqui há sabão, gasolina, álcool. Costurarei um bolso secreto dentro do casaco, me ajeitarei com o inglês que trabalha na oficina mecânica e negocia com gasolina. Veremos até que ponto será estrita a fiscalização, mas já vivi um ano no Campo, sei que quando alguém quer roubar e se aplica seriamente a isso, não há fiscalização, não há revistas que possam impedi-lo (LEVI, 1988, p. 142).

Primo Levi, na sua narrativa mostra como fez para aguentar o inverno de 1944 após ter conseguido passar na prova de química, e os meios que encontrou de sobreviver, como por exemplo, roubar e vender sabão e gasolina, que encontrava facilmente no seu local de trabalho. Percebemos que por mais trágico, sofrido e desgastante o campo de concentração também tinha um jeito de sobreviver um pouco melhor, com os variados tipos de trabalho no campo, alguns já eram privilegiados só por não ser Judeu, mas apesar de alguns serem judeus ainda tinham seus meios de sobrevivência, que com o passar dos dias no campo iriam aprendendo e algumas das vezes tinham sorte de encontrar alguém que os ajudassem. Outras funções poderiam ser no *Kommando* por indicações ou por ser mais novo que os demais, como por exemplo, o caso de Jean, o Pikolo, sendo o mais jovem do *Kommando*, conseguiu cargo de *mandalete-escriturário*, encarregado de limpar o barraco, entregar as ferramentas, lavar as gamelas, ter a contabilidade das horas de trabalho do *Kommando*.

O cargo de Pikolo constitui um degrau elevado na hierarquia dos “*proeminentes*”; o Pikolo (que em geral não passa de dezessete anos) está isento do trabalho braçal, tem livre acesso ao fundo do panelão do rancho, pode ficar o dia todo perto da estufa; portanto tem direito a meia ração suplementar, boas chances de tornar-se amigo e confidente do *Kapo*, do qual recebe oficialmente as roupas e os sapatos velhos. Bem, Jean era um Pikolo excepcional. Era astucioso, robusto e, ao mesmo tempo, manso, amigável; embora levando, tenaz e valente, a sua secreta luta individual contra o Campo e a morte, não deixava de entreter relações humanas com os companheiros menos afortunados; por outro lado, fora tão hábil e perseverante que conquistara a confiança de Alex, o *Kapo* (LEVI, 1988, p. 112).

Através da confiança do *Kapo*, e do seu trabalho bem feito, após um mês conseguiu a confirmação de seu cargo, ou seja, estava sobre experiência para ver se conseguiria seu cargo no *Kommando 98*. Levi descreve essa passagem de como Jean conseguiu com que o *Kapo* confirmasse seu cargo:

Ficava claramente acanhado diante do Registro do *kommando* e da relação diária dos trabalhadores executados; foi este o caminho que Pikolo

encontrou para se tornar necessário. Um caminho demorado, cauteloso e sutil, que o *Kommando* inteiro acompanhou ansiosamente durante um mês; por fim, a resistência do ouriço foi vencida e Pikolo confirmado em seu cargo, com alívio de todos os interessados (LEVI, 1988, p. 112).

O campo de concentração tem seus superiores e os cargos inferiores, como se fosse, em escala, os mais poderosos eram os SS, depois vinham os *Kapos*, depois proeminentes inferiores e superiores, que poderiam indicar alguém no seu *Kommando* para o ajudar em algumas funções especiais, como por exemplo, o caso de Primo Levi, que foi indicado pelo Jean para ir com ele buscar sopa, sendo uma função como Levi descreve de: “um trabalho cansativo, mas que incluía uma caminhada agradável na ida, sem levar carga, e a ocasião sempre desejada de se aproximar das cozinhas.” (LEVI, 1988, p. 113). Podendo assim aproveitar na ida o ar fresco, sem pressão, sem trabalho forçado, apesar que na volta teriam que carregar o painel de praticamente cinquenta quilos segurando nas alças. Se analisarmos o campo pelo que Primo Levi narra percebemos que por mais que todos tivessem presos e em condições desumanas, uns viviam melhor que outros, ou pelo fato de não serem judeus ou então por conseguirem se ajustar as artimanhas do campo, enquanto outros sucumbiam e estavam só esperando a morte não tendo mais forças para sobreviver.

NORMAS DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO AUSCHWITZ DE ACORDO COM A NARRATIVA DE PRIMO LEVI

Conforme a narrativa de Primo Levi, o regulamento do campo era absurdamente complicado com inúmeras proibições, dentre elas:

Aproximar-se a menos de dois metros do arame farpado; dormir com o casaco posto, ou sem ceroulas, ou de chapéu na cabeça; usar os lavatórios e as privadas que são “só para *Kapos*” ou “só para *Reichsdeutsche*” (cidadãos alemães); não tomar ducha nos dias marcados, ou toma-la fora desses dias; sair do Bloco com o casaco desabotoado ou com a gola levantada; levar, por baixo da roupa, papel ou palha para se proteger do frio; lavar-se de outra maneira que não seja com o peito nu. (LEVI, 1988, p. 32).

Os prisioneiros aprendiam as normas no dia-dia, não passavam informações sobre como exercer cada atividade, porém era obrigatório e quem não o fizesse era punido, Levi os definiam como:

Infundáveis e insensatos são os rituais obrigatórios: cada dia, de manhã, deve se arrumar a cama, perfeitamente plana e lisa; passar nos tamancos

barrentos a graxa patente para isso destinada; raspar das roupas as manchas de barro (as de tinta, gordura e ferrugem, pelo contrário, são admitidas); à noite, a gente deve submeter-se ao controle dos piolhos e ao da lavagem dos pés; aos sábados, fazer-se barbear e raspar o cabelo, cerzir ou fazer-se cerzir os farrapos; aos domingos submeter-se ao controle geral da sarna e ao dos botões do casaco, que devem ser cinco. (LEVI, 1988, p. 32).

Segundo Levi, coisas que poderiam ser irrelevantes para nós, coisas pessoais, dentro do campo se tornavam um grande problema se não cumpridas. Por exemplo, quando as unhas cresciam, precisavam corta-las com os dentes, se perdessem um botão do casaco deveria aprender sozinho a costurá-lo com arame, ao ir à latrina ou ao lavatório levar todos os seus pertences, e enquanto lavar os olhos manter a trouxa da roupa bem apertada entre os joelhos, pois se não tiverem cuidados os próprios colegas poderiam rouba-la. Quando o sapato apertasse, deveriam apresentar na noite de cerimonia da troca de sapatos, e escolhiam outros sapatos só no olhar, não poderiam experimentar para ver se ficariam bons em seus pés, pois feita a escolha não permitiria nova troca.

A destinação de cada um aos vários *Kommandos* é orientada por um escritório específico do Campo, o *Arbeitsdienst* (Chefia do Trabalho), que fica em constante contato com a direção civil da fábrica. O *Arbeitsdienst* toma decisões na base de critérios misteriosos e, frequentemente, está claro, na base de preferencias e subornos, de maneira que, se alguém dá o jeito de conseguir comida, pode estar quase seguro de conseguir também um bom trabalho na fábrica. (LEVI, 1988, p. 33-34)

Sobre os horários de trabalho só poderiam trabalhar de dia, pois para os *Schutzstaffel* (SS) se os prisioneiros trabalhassem de noite poderia facilitar as fugas. Primo Levi escreve que:

Os horários de trabalho era a luz do dia, na chuva, na neve, no vento feroz só eram proibidos de trabalharem a noite para que não houvesse tentativas de fugas, e um domingo em cada dois era dia normal de trabalho, e, nos domingos de folga, em vez de trabalhar na fábrica trabalhava na manutenção do Campo, de modo que os dias de verdadeiro descanso era raríssimo, conforme Primo Levi. “Sair voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer” (LEVI, 1988, p. 34).

Os prisioneiros mudavam de *Kommando* e Blocos constantemente de trabalho, com isso deveria se adaptar diariamente, e os privilegiados oprimiam os não-privilegiados como descreve Levi abaixo:

Mais uma vez, estamos ao pé da pilha. Micha e o Galiciano levantam um suporte e o colocam rudemente em nossos ombros. Sua tarefa é a menos cansativa; portanto, ostentam zelo a fim de conservá-la. Chamam os companheiros mais lentos, incitam, exortam, impõem ao trabalho um ritmo insustentável. Isso me revolta, mas bem sei que é conforme a regra: os privilegiados oprimem os não-privilegiados. Na base desta lei, sustenta-se a estrutura social do Campo (LEVI, 1988, p. 43).

Os doentes que iam para enfermaria, continham segundo Primo Levi um décimo da lotação do campo e a lei era ficar bom ou morrer, na enfermaria tinha suas normas como para entrar seria necessário a retirada dos sapatos para entrar, “já que entrar de sapatos no *Ka-be* é rigorosamente proibido” (LEVI, 1988, p. 45). Um breve trecho de Primo Levi descreve sobre as regras:

Eles contêm constantemente um décimo da lotação do Campo; poucos, porém, param lá mais de duas semanas e ninguém mais de dois meses: nesse prazo a regra é ficar bom ou morrer. Quem tende a ficar bom, é curado no *Ka-Be*; quem tende a piorar, do *Ka Be* é mandado às câmaras de gás” (LEVI, 1988, p. 45).

Além das regras existentes na enfermaria existiam outras normas dentro do campo. Por exemplo nos blocos dos não doentes durante as noites, os prisioneiros ao fazerem suas necessidades no balde deviam levar o balde e esvaziá-lo, a “lei” segundo Levi é que “o último a usar o balde vá esvaziá-lo na privada; a lei, também, que à noite só se possa sair do Bloco de camisa e ceroulas, indicando previamente ao guarda o número da matrícula” (LEVI, 1988, p. 61). Dentro dos campos existiam o tráfico com trabalhadores externos, porém se os SS descobrissem seriam um “crime” pelo regulamento do Campo e como forma de punição seriam levados para minas, onde o trabalho seria exaustivo podendo morrer por esgotamento, como explica Primo Levi abaixo:

O tráfico com os trabalhadores externos é um aspecto característico do Campo de Trabalho e determina a sua vida econômica. Constitui, por outro lado, um crime expressamente previsto pelo Regulamento do Campo, assimilado aos crimes convicto de *Handel mit Zivilisten* (comércio com civis), se não tiver bons pistolões, acaba em *Gleiwitz III*, em Janina, em Heidebreck, nas minas de carvão, o que significa morte por esgotamento dentro de poucas semanas. E mais: o trabalhador externo, seu cúmplice, pode ser denunciado à competente autoridade alemã e condenado a passar no *Vernichtungslager* (Campo de extermínio), em condições análogas às nossas, um período variável (pelo que sei) entre quinze dias a oito meses (LEVI, 1988, p. 83).

Primo Levi conclui em seguida sobre as normas do campo de concentração:

Em conclusão: o roubo na fábrica, punido pelas autoridades civis, é autorizado e incentivado pelos SS; o roubo no Campo, severamente reprimido pelos SS, é considerado pelos civis como operação normal de troca; o roubo entre *Häftlinge*, em geral, é punido, a punição toca, com igual gravidade, tanto ao ladrão como à vítima (LEVI, 1988, p. 87).

Ou seja as normas no campo de concentração era bastante complexa e somente aqueles mais espertos conseguiam “dobrar o sistema”, conseguiam passar por alguns SS, por alguns civis e conseguirem o que queriam, porém se fossem pegos pelos carrascos por aqueles que realmente obedeciam as leis seriam punidos severamente. Somente aqueles que conseguiram privilégios ou roubavam alguma coisa conseguiam sobreviver, os outros eram chamados de “mulçumanos” aqueles que sucumbiam morriam rapidamente.

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Com um determinado tempo dentro do campo de concentração, já não se faziam infundáveis perguntas e questionamento sobre o futuro, se o que estavam passando teria um fim mas questionavam e faziam perguntas sobre o presente, como por exemplo: “como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão” (LEVI, 1988, p.34). Os *Häftlinge*s aprendiam dentro do campo, que a fome os acompanhariam e que teriam que ter cuidado para não serem roubados e se caso encontrassem uma colher, um botão, um barbante no qual conseguiriam furtar sem que fosse percebido o roubariam, sem o menor pudor, considerando a partir de adiante um direito seu. A partir disso observamos que valores dentro do campo são estabelecidos e que são diferentes da vida em que levamos, onde roubar não causaria remorso e sim um meio de sobrevivência no campo de concentração sendo uma atitude normal para quem estava no campo.

Os prisioneiros no campo de concentração iam aprendendo aos poucos as estratégias de sobrevivência e por experiência própria, ninguém dizia, apenas observando ou até mesmo pela circunstância aprendiam. Por exemplo, Levi narra sobre a passagem da enfermaria, que tiraram lhe tudo a gamela, a colher, boné e luvas, todos riam dele, não sabia que deveria antes da Praça da Chamada ter guardado, escondido, ou ter confiá-lo a alguém, não sabia que era proibido levar para a enfermaria, ficavam todos nus à espera do médico para examiná-los, se iriam para um dos blocos da enfermaria ou se iriam para o corredor da morte. Primo Levi, conta o modo como Henri, prisioneiro no campo conseguiu a salvação

era eminentemente civilizado e consciente que possuía uma teoria completa e orgânica quanto as maneiras de sobreviver no Campo, sendo extremamente inteligente, falava francês, alemão, inglês e russo, com uma ampla cultura científica e clássica. Com a morte de seu irmão na fábrica no inverno, Henri cortou todo laço afetivo e fechou-se em si mesmo, lutando pela vida sem se descuidar, com todos os recursos que tira de sua inteligência pronta e de sua educação refinada, sua teoria para fugir à destruição com três métodos, o jeito, a compaixão e o roubo. Primo Levi as descreve:

Ele aplica os três. Ninguém tem melhores estratégias para aliciar (“cultivar”, é a sua expressão) os prisioneiros ingleses, Em suas mãos, eles se tornam verdadeiras galinhas de ovos de ouro; basta pensar que, com a troca de um único cigarro inglês, no Campo se tira o suficiente para saciar a fome de um dia. Numa ocasião, Henri foi visto comendo um autêntico ovo cozido. O tráfico de mercadoria de origem inglesa é monopólio de Henri- e até aqui, trata-se de “jeito”, mas seu instrumento de penetração, junto aos ingleses e aos demais, é a piedade. Henri tem o corpo e o rosto delicados e um tanto perversos do São Sebastião pintado por Sodoma: seus olhos são negros e profundos, ainda não tem barba, move-se com lânguida, natural elegância (embora, se for o caso, saiba correr e pular como um gato, e a capacidade de seu estomago seja inferior apenas à de Elias). Desses seus dotes naturais Henri esta bem consciente e os aproveita com a fria habilidade de quem manobra um instrumento científico. Os resultados são surpreendentes. Trata-se, substancialmente, de um descobrimento: Henri descobriu que a compaixão, sentimento primário e irrefletido, floresce muito bem (desde que transmitida habilmente) justamente nas almas primitivas dos brutos que nos comandam, os mesmo que não tem o menor escrúpulo em derrubados. Henri não deixou de perceber o alcance pratico do descobrimento, no qual inseriu a sua indústria pessoal. Não existe alma tão empedernida que Henri não consiga enternecer quando se empenha nisso. No Campo, e na fábrica também, são numerosos: soldados ingleses, trabalhadores externos franceses, poloneses, ucranianos; “politico” alemães; ao menos quatro Chefes de Blocos, um cozinheiro, até um SS. Seu ambiente preferido, porém é a enfermaria: no *Ka-Be*, Henri tem entrada franca; o Dr. Citron e o Dr. Weiss são, mais que protetores, amigos que o recebem quando quer e com o diagnostico que ele quiser. Já que Henri dispõe de tão importantes amigos, raramente precisa recorrer ao terceiro caminho, o do roubo; por outro lado, compreende-se que, quanto a esse aspecto, ele prefira ficar de bico calado. (LEVI, 1988, p.100-101).

Henri conseguia sobreviver de certa forma bem no campo, pois tinha suas técnicas e seus métodos e por ser uma pessoa inteligente e persuasiva, assim conhecia bem o Campo, na luta dura pela vida. Como Primo Levi disserta *“duro e distante, fechado em sua carapaça, inimigo de todos, desumanamente astucioso e incompreensível como a Serpente da Gênese”* (LEVI, 1988, p.101). A partir desse relato, após Primo Levi ter sido resgatado no

campo, soube que Henri estava vivo. Ou seja, com suas artimanhas dentro do campo de concentração, conseguiu mantê-lo vivo até a chegada dos Russos.

No verão e outono de 1944, Primo Levi descreve os bombardeios aéreos, que fez com que o trabalho na fábrica e o trabalho construtivo cessasse, pois havia vários estragos feitos pelos bombardeios para serem consertados, e nesses momentos de pânico, muitos dos prisioneiros por causa da fome faziam “expedições até a cozinha e os depósitos, expedições duplamente arriscadas, já que, além do perigo direto das bombas, o furto cometido em condições de emergência era punido com a força” (LEVI, 1988, p. 120). Sendo extremamente perigoso, porém não tinham mais medo, e por causa da fome sem fim, se arriscavam para tentar sobreviver. De acordo com o que Levi narra alguns prisioneiros lidavam com trabalhadores externos e assim conseguiam sobreviver, porém eram relações diferentes. Alguns prisioneiros falavam de seus protetores e amigos de fora, sem nomeá-los, porém:

Os mais experimentados, os sedutores de profissão como Henri, nem pião; rodeiam seus sucessos com uma aura de ambíguo mistério, limitam-se a acenos, alusões calculadas de modo a suscitar nos ouvintes a lenda vaga e perturbadora de que eles gozam de favores de externos extremamente poderosos e liberais” o que “resulta de utilidade a quem sabe conseguiu-la. (LEVI, 1988, p. 122).

Os prisioneiros que conseguiam privilégios por aqueles que estavam do lado de fora do Campo, são os com números menores, que estavam a mais tempo no campo, que com o passar do tempo conseguiram adaptar-se e conseguiram sobreviver, como por exemplo, conseguindo alimento. Com isso passa a existir *“também aquele que se especializa em complexas e pacientes campanhas de espionagem para verificar quem é o trabalhador externo, ou o grupo de trabalhadores externos, ao qual recorre um Fulano, na esperança de tomar o lugar deste”* (LEVI, 1988, p. 122). No inverno a luta pela vida ficava ainda mais complicada. Pois não tinham roupas suficientes para que esquentassem do frio. Levi mostra como eram os dias de inverno, como lutavam para aguentar o frio nesses períodos:

Sabemos o que isso significa, porque estávamos aqui no inverno passado, e os outros vão aprende-lo depressa. Significa que, no decorrer destes meses, de outubro a abril, de cada dez de nos sete morrerão. Quem não morrer sofrerá, minuto a minuto, durante cada dia, todos os dias: desde antes da alvorada até a distribuição da sopa, à noite, terá que retesar os músculos, para de um pé para outro, golpear-se com os braços nas axilas para aguentar o frio. Deverá renunciar ao pão para arranjar luvas e perder horas de sono para consertá-las quando começarem a descoser-se. Já não poderemos comer ao ar livre; teremos que comer no Bloco, de pé, dispendo apenas de um palmo de piso, e está proibido encostar-se nos beliches. Todos terão feridas nas mãos, e para conseguir uma atadura haverá que esperar durante horas, à noite, na neve e no vento. (LEVI, 1988, p. 125).

Outra forma de sobrevivência no campo, seria tentar fugir da seleção e não espalhar a notícia como forma de subordinar algum médico, proeminente, sendo uma forma de monopólio assim Primo Levi descreve, por exemplo, *“passar do Bloco para enfermaria ou vice-versa, no momento exato, para evitar os SS”* (LEVI, 1988, p. 126). Além disso, para sobreviver era necessário *“apanhar, porque de pancadas em geral não se morre, mas de esgotamento sim, e é uma morte feia, a gente só se dá conta quando já é tarde demais”* (LEVI, 1988, p. 134). Às vezes apanhar por ter sido encontrado roubando algo para comer ou descansando um pouco seria melhor do que ser honesto, cumprindo as regras dos superiores, acreditando que quanto mais trabalha mais se ganha pois acabaria morrendo de esgotamento.

Em janeiro de 1945, Primo Levi fica doente e volta para a enfermaria, a partir desse período começaram no campo algumas informações de que os Russos estavam por perto, e que logo chegariam aos campos de concentração, para libertá-los. Primo Levi descreve: *“Quando chegou a minha vez, desci trabalhosamente do beliche. Perguntei, em italiano, se havia algo novo. Ele interrompeu a tarefa, piscou os olhos de maneira solene e significativa, indicou a janela, fez com a mão um largo gesto para o poente: - Morgen, alle Kamarad weg. (Amanhã, todos vão embora)”* (LEVI, 1988, p. 154), e outros boatos que confirmavam o que Askenazi disse para Levi *“que os russos já estavam em Czenkowane, cem quilômetros ao sul; que, na fábrica, os alemães já preparavam as minas de sabotagem”* (LEVI, 1988, p. 155).

A partir disso, outras notícias vinham a vapor, como o da evacuação; *“Á tarde, veio o médico grego. Disse que, também entre os doentes, quem estivesse em condições de andar receberia roupa e sapatos e partiria no dia seguinte, junto com os sãos, para uma marcha de vinte quilômetros. Os demais ficariam no Ka-Be, assistidos por pessoal escolhido entre os doentes menos graves”* (LEVI, 1988, p. 155). O médico, segundo Primo Levi disse que provavelmente, os alemães nos abandonariam à nossa sorte.

Assim no dia 18 de janeiro de 1945 todos os sãos de vários campos partiram na marcha de evacuação e os doentes continuaram nos blocos dos campos, segundo Primo Levi, abandonados à própria sorte. Essa data é de extrema importância para os historiadores e para a História dos campos de concentração, pois foi quando os alemães decidem abandonar os campos e levar os prisioneiros sãos para pegar os trens para serem levados para outros lugares, com o objetivo de se livrar do exército soviético que estavam prestes a invadir os

Campos de concentrações nazistas. O Museu Memorial do Holocausto descreve sobre essa marcha da seguinte forma, o que confirma a informação de Primo Levi:

As SS iniciaram a evacuação de cerca de 60.000 prisioneiros de Auschwitz e de seus campos satélites através das “Marchas da Morte”. Milhares morreram ou foram assassinados nos dias que antecederam à mencionada marcha. Dezenas de milhares de prisioneiros enfraquecidos, famintos e sem proteção contra o frio [era inverno], a maioria judeus, foram obrigados a marchar em direção à cidade de *Wodzislaw*, na parte ocidental da Alta Silésia, Polônia. Os guardas das SS atiravam em quem não conseguisse acompanhar o passo ou continuar a marchar. Mais de 15.000 prisioneiros morreram durante as marchas da morte de Auschwitz. Em *Wodzislaw*, os prisioneiros foram colocados em trens de carga sem calefação e deportados para os campos de concentração na Alemanha, principalmente para *Flossenberg*, *Sachsenhausen*, *Gross-Rosen*, *Buchenwald*, *Dachau* e *Mauthausen*. Em 27 de janeiro de 1945, o exército soviético entrou em Auschwitz e libertou os poucos presos que haviam sido abandonados pelos nazistas para morrer. (Texto disponível na página do Museu memorial do Holocausto: <http://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007735>, acessado em: 03/11/2015 as 00:25).

Portanto antes da chegada do exército vermelho nos campos de concentração, após a evacuação dos alemães, restaram apenas os doentes, com frio, com fome, e aqueles que conseguiam andar depois de um tempo e de não ouvirem mais nada lá fora, resolveram ir à procura de algo que lhes fossem aproveitáveis para mantê-los vivos até a chegada dos Russos, Primo Levi descreve a ida até fora dos Blocos:

Fomos às pressas até às cozinhas, mas as batatas haviam quase acabado. Enchemos dois sacos que confiamos a Arthur. Entre os destroços do “Bloco dos Proeminentes” achamos, por fim, o que estávamos procurando: uma pesada estufa de ferro com os canos ainda aproveitáveis. Charles trouxe um carrinho de mão carregada a estufa, coube a mim levá-la até o Bloco, enquanto Charles voltava aos sacos das batatas Encontrei Arthur desmaiado por causa do frio; carregou os dois sacos e, uma vez assegurados estes, tornou a cuidar do amigo. (LEVI, 1988, p. 161)

Além da estufa, conseguiram encontrar lenha, carvão e brasas nos Blocos que foram queimados com os bombardeios, percebemos que Primo Levi e alguns dos doentes que estavam no Bloco com ele tiveram sorte por estarem doentes, por não terem ido na “*marcha da morte*”, pois não poderiam ter aguentado o frio e a longa caminhada e também sorte de ter encontrado e ter forças mesmo doente de ir atrás de coisas que fossem úteis para a sobrevivência, como exemplo, a estufa. Nas outras saídas pela busca de algo útil, segundo Primo Levi, encontraram álcool e uma latinha de levedura de cerveja que alguém jogara na neve, que foram distribuídos junto com as batatas cozinhas em uma de suas refeições. Apesar de doentes, até mesmo os com doenças graves não desistiram de viver, lutavam dia

após dia, até mesmo água tinham enorme trabalho para consegui-la: *“quanto à água, era um trabalho enorme derreter a neve. O líquido que conseguíamos era escuro e turvo; tínhamos que filtrá-lo”* (LEVI, 1988, p. 163). Todos os blocos do campo já haviam sido explorados pelos prisioneiros doentes em busca de algo:

À tarde, fui ao antigo Laboratório esperando encontrar algo útil, mas outros haviam me precedido: tudo fora revirado por saqueadores inexperientes. Não restava nem um vidro inteiro; no piso, uma camada de farrapos, fezes, material médico, um cadáver nu e retorcido. Algo, porém, tinha passado despercebido: uma bateria de caminhão. Toquei nos polos com a faca, saiu faísca. Estava carregada. À noite, o nosso quarto teve luz”. (LEVI, 1988, p. 164)

No campo, os que ali continuavam buscavam dia após dia o seu alimento e mesmo depois da evacuação os blocos ainda buscavam manter disciplina para cada um poder ajudar. Uns cozinhavam outros iam à procura de alimentos. Primo Levi mostra sobre essa passagem final no campo de concentração, como foi sofrida e como se organizavam para tentar mantê-los vivos, da seguinte forma:

“Jules” era o balde da latrina que, a cada manhã, devíamos pegar pela alça, levar para fora, despejar na fossa. Era esse o primeiro trabalho do dia, um trabalho nada agradável, porque não havia como lavar as mãos e três de nós estavam com tifo. Devíamos cozinhar as couves e os nabos. Eu fui procurar lenha, Charles juntar neve para derreter e Arthur mobilizar os doentes que conseguiam ficar sentados para que ajudassem na limpeza das verduras. Towarowski, Sertelet, Alcalai e Schenck atenderam à chamada”. (LEVI, 1988, p. 165)

Além do bloco que Primo Levi estava com os outros doentes, existiam outros blocos do campo que estavam ocupados, sendo assim haviam vários famintos, com fome e com doenças. Resolveram procurar ajuda no bloco onde Primo Levi se encontrava, pois tinham conseguido estufa, batatas e luz, porém não podia ser distribuída para todos pois era pouca, e também não deveriam se aproximar dos outros pois estavam com doenças graves que poderiam ser transmitidas podendo ocasionar a morte, assim ajudavam somente o próprio bloco deixando os outros famintos procurarem a própria comida. Apenas um membro de outro bloco continuou a pedir comida, que foi trocado por casaco, calças e luvas, que sobravam dos cobertores do campo e foram confeccionados, exigindo em troca a sopa de batatas. Observamos que mesmo após o abandono dos alemães havia uma separação entre os blocos, e que cada um mantinha seu jeito de continuar vivos, e que não podiam se misturar, segundo Levi:

Deveríamos fazer algumas coisas e evitar outras. Cada um deveria conservar a gamela e a colher; ninguém deveria oferecer a outros seus eventuais restos de sopa, ninguém sair da cama, a não ser para ir à privada; se alguém precisasse de ajuda, que a pedisse só a nós três; principalmente Arthur estava encarregado de cuidar da disciplina e da higiene. Melhor deixar sujar as gamelas e as colheres do que lavá-las com o risco de trocar as de um diftérico com as de um doente de tifo (LEVI, 1988, p. 166-167).

Após aproximadamente dez dias da evacuação dos alemães do campo de concentração, no bloco que Primo Levi estava (bloco dos *Infektionsabteilung*), segundo Levi apenas um faleceu entre os dez dias e outros após a chegada dos russos na enfermaria provisória cinco não aguentaram e faleceram também, somente Arthur, Charles e Schenck sobreviveram, após recuperarem a saúde voltaram cada um para sua casa, que segundo Levi já trocaram longas cartas. Portanto, através da narrativa do Primo Levi percebemos que tiveram várias dificuldades, desde quando chegaram até o último momento, mesmo doentes teriam que conseguir seu próprio alimento, procurar coisas úteis para tentar resistir ao frio, a fome, a doença.

Primo Levi narra os acontecimentos de mais importância para ele em “*É isto um homem?*” e não escreve sobre os motivos que levaram os nazistas a fazerem os campos, a prenderem e a matar tantas pessoas, não usa palavras como “Holocausto”, “Shoah”, “Solução final”, não questiona sobre o acontecimento, mas ter testemunhado e escrito sobre o campo fez o sentir melhor. Como uma forma de todos saberem do que o ser humano é capaz contra sua própria espécie, numa tentativa de que as pessoas não voltem a fazer isso novamente. A partir da narrativa de testemunho de Primo Levi e outros autores como o filósofo italiano Giorgio Agamben entendemos que a melhor forma de descrever o “holocausto” é relacionando o ocorrido com uma forma de poder e política que se relacionam e o contexto dos nazistas o que explica o ocorrido é a biopolítica pois:

Não se compreende o sentido destas leis e a rapidez com que foram expedidas se as confinamos no âmbito eugenético. Decisivo e que elas tenham para os nazistas imediatamente caráter político. Como tais, elas são inseparáveis das leis de Nuremberg sobre a “cidadania do Reich” e sobre a “proteção do sangue e da honra alemães”, Com as quais o regime transformou os hebreus em cidadãos de segunda classe, vetando entre outras coisas o matrimônio entre hebreus e os cidadãos de pleno direito e estabelecendo, por outro lado, que até os cidadãos de sangue ariano deveriam mostrar-se dignos da honra alemã (deixando pender implicitamente sobre cada um a possibilidade de desnacionalização). As leis sobre a discriminação dos hebreus

monopolizaram de modo quase exclusivo as atenções dos estudiosos da política racial do terceiro Reich; entretanto a sua plena compreensão só é possível se são restituídas ao contexto geral da legislação e da praxe biopolítica do nacional-socialismo. Estas não se exaurem nem com as leis de Nuremberg, nem com a deportação nos campos e nem mesmo com a "solução final"; estes eventos decisivos do nosso século [século XX) tem o seu fundamento na assunção incondicionada de uma tarefa biopolítica, na qual vida e política se identificam ("Política, ou seja, o dar forma à vida de um povo"); e apenas se são restituídas ao seu contexto "humanitário" é possível avaliar plenamente a sua desumanidade (AGAMBEN, 2007, p.156-157).

Compreendemos que o que chamou a atenção dos estudiosos foram a questão do racismo, do preconceito, da política racial do terceiro Reich, porém para Agamben para melhor compreensão dos acontecimentos do terceiro Reich é a restituição do contexto geral da legislação e da praxe biopolítica, na qual vida e política se entrelaçavam, dando significado para a "solução final", sendo a biopolítica fator determinante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primo Levi utilizou a forma de testemunhar como meio de superar o trauma, narrando para superar a dor. A filósofa Jeanne Marie Gagnebin escreve sobre a memória, em seu livro "Lembrar, escrever, esquecer", relatando que os nazistas pretendiam destruir todos os vestígios de que um dia existiram os campos de concentração, dando um exemplo do genocídio armênio, onde até hoje a Turquia não reconhece que existiu tal genocídio. A intenção de Hitler seria de fazer a mesma que os turcos fizeram com os armênios, sem deixar vestígios algum. Porém sabemos que não foi isso que aconteceu com os nazistas, pois foram descobertos e até hoje existem vários museus onde se preserva a memória dos campos de concentração.

Portanto esta pesquisa teve objetivo mostrar a importância da narrativa de testemunho para a memória, seja de um povo, um país, um estado, pois no caso dos nazistas que tinham o objetivo de destruir todos vestígios dos campos de concentração tivesse dado certo, a memória, a história dos judeus seria incompleta, a credibilidade de quem sobrevivesse de testemunhar seria nula. A partir da afirmação de Gagnebin do pesadelo do prisioneiro sobrevivente retornando a sua casa, a sua vida e ninguém acreditar por ser um acontecimento chocante e horrível. Mesmo passados setenta anos é difícil acreditar, como deixaram acontecer, porquê disso ter acontecido, e se não tivessem provas, vestígios provavelmente ninguém acreditaria.

Assim, a narrativa do Primo Levi tem essa finalidade de não deixar apagar vestígios ocorridos nos campos de concentração, “*É isto um homem?*”, Levi escreve as situações do dia-dia, os absurdos, as normas e regulamentos do campo, os privilégios que eram concedidos à alguns prisioneiros, ou seja, relata detalhadamente sobre a passagem no campo de concentração. Portanto para quem começa a ler o livro se sente inquieto, agoniado e triste por tanto sofrimento e dor sofrida com aqueles que estavam nos *lager* e com isso imagina um final trágico. Porém Primo Levi relata também os meios de sobrevivência que os ajudaram sendo o final do livro extremamente absurdo pois os doentes foram abandonados à própria sorte na evasão que os nazistas foram obrigados a fazer pois os soldados soviéticos estavam perto de os derrotarem. De um lado foi terrível saber que foram abandonados, por outro, tiveram sorte de terem ficados pois na evasão muitos morreram no caminho ou foram assassinados e os doentes após dez dias os russos chegaram no campo, apesar que os mais doentes não aguentaram até a chegada.

Concluimos que a narrativa de testemunho e a historiográfica tem como objetivo a conservação do passado. Porém, a conservação do passado não é uma tarefa somente dos historiadores e dos testemunhos, mais de todos os seres vivos, como uma forma de fazê-los sentir que não são indignos e inferiores como foi pregado no nazismo e feito nos campos de concentração, nosso trabalho é manter viva a memória daqueles que tiveram a vida ceifada, de forma desumana e mostrar para os sobreviventes que nós acreditamos em seus testemunhos e que apesar de muitos terem falecidos sem identificação, sem nome, a memória dos acontecimentos nos campos de concentração, não será apagada e que são dignos de memória pois muitos conseguiram lembrar dos acontecimentos e relatar sobre o assunto por mais doloroso que seja. E o caso do testemunho de Primo Levi que escreveu como uma forma de superar o trauma.

O poema tem a finalidade de fazer o leitor analisar a própria vida com a vida daqueles que foram para os campos de concentração, onde antes seriam pessoas civilizadas vivendo normalmente junto com suas famílias e num piscar de olhos tudo, absolutamente tudo muda, suas vidas já estão completamente sobre o domínio de outras que tem o objetivo de humilhar, onde a vontade própria não existe mais, que lutam diariamente por um pedaço de pão, que morrem sem nenhum objetivo a não ser pela intenção de matar, sendo sujeitados a pior forma de tratamento humano. O que faz com que pensemos sobre a vida que levamos, que muitas das vezes não damos a menor importância e valor merecidos, mas que existem pessoas que apesar de toda humilhação não desistem de viver, e continuam

permanente aguentando todo tipo de sofrimento que se possa imaginar, não entendendo nem mesmo o motivo de tanto sofrimento, mas que permaneceram e lutam pela vida. Percebemos também a nossa vida pode mudar do dia para a noite, ou seja não sabemos do que se pode acontecer no futuro, mas espero que este trabalho sirva como meio de reflexão sobre a vida humana e como meio de manter viva a memória daqueles que faleceram resistindo e dos sobreviventes que suportaram o sofrimento e corajosamente narraram suas terríveis vivências.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AUSCHWITZ-BIKERNAU. **História e presente-cartilha**. Disponível em: <http://www.auschwitz.org/>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LEVI, Primo. **“É isto um homem?”** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. **O testemunho em É isto um homem? de Primo Levi. Literatura e Autoritarismo** (UFSM). Meio eletrônico, 2007.

SOUZA, Tereza (**O que é um homem? Se é um homem**) disponível em: static.público.pt/docs/cmf/autores/primolevi/oqueéumhomem.htm